

## Imagens orais, escritas e fotográficas: registros reconstruídos por professores

Valeska Fortes de Oliveira

### Resumo

Este artigo tem como referência o projeto interinstitucional intitulado “Laboratório de Imagens: significações da docência na formação de professores envolvendo uma rede de pesquisadores do Rio Grande do Sul e, de outras regiões do país que vêm trabalhando com as temáticas do imaginário docente, das histórias de vida de professores (nas modalidades oral e escrita autobiográfica) e da memória docente. A pesquisa tem como referência tempos e espaços diferenciados, envolvendo professores que trabalharam, principalmente no final do século XIX e nas diferentes décadas do século XX, produzindo assim estudos comparativos através das imagens orais, escritas e fotográficas sobre categorias como “processos de formação”, “gênero”, “escolha profissional” e “cultura docente”. O referencial da memória é o substrato teórico onde nossa pesquisa se alicerça - a memória trabalho. Trabalho este que reconstrói imagens do passado à luz das experiências do presente, tentando viver este tempo através de uma relação que pode ser criativa e transformadora, a partir da reflexão das trajetórias de vida dos professores.

**Palavras-Chave:** Imagens, Oralidade, Escritas Autobiográficas, Histórias de Vida de Professores

### Abstract

This article is regard to the some envolved institutions in a project named **Laboratory of Images: significations of teaching in the formation of the teachers** involving a landing-net of searchers of the Rio Grande do Sul and, of the others regions of the country that has been working with the thematics of the teaching imaginary, of the teacher's life stories ( in the oral and autobiographic Writings modalities) and of the teaching memory. The research is regard to differentiated times and spaces, involving teachers that work, principally in the end of the nineteen century and in the different decades of the twenty century, producing comparatives studies through of the oral, writing and photographic images about the categories like “formation's process”, “genus”, “professional choices” and “teaching culture”. The referential of the memory is the theoretical substratum where our research is consolidated – the work memory. Work that reconstruct images of the pass it'd iluminated by the experiences of the present, trying to live this time through of a relation that can be creative and transformer, based on the reflection the teachers' s life trajectories.

**Keywords:** Images, Orality, Autobiographic Writings, teacher' s life stories.

O referencial da memória é o substrato teórico onde nossa pesquisa se alicerça. Tomamos a memória assim como Bosi (1987) não como sonho, mas como trabalho. Trabalho este que reconstrói imagens do passado à luz das experiências do presente, tentando viver este tempo através de uma relação que pode ser criativa e transformadora. O trabalho da memória é individual mas também e, no nosso caso, coletiva, pois estamos investigando a memória docente a partir de concepção do professor como grupo social. Sobre a memória como um trabalho de lembrar em conjunto Von Simson, (2000, p.66) diz que é *“o ato de compartilhar a memória, é um trabalho que constrói sólidas pontes de relacionamento entre os indivíduos – porque alicerçadas numa bagagem cultural comum – e, talvez por isso, conduza à ação.”*

Numa sociedade que alguns estão caracterizando como a do “esquecimento” é importante a reconstrução de representações e experiências pretéritas não com o sentido de reinventá-las e nem ficar aprisionado a estas, mas basicamente propiciar processos de reflexão individual e também coletiva que possibilitem novas criações, novas produções individuais e sociais. Sinsom (2000, p.67) aponta para o fato da memória ser, ao mesmo tempo,

“subjetiva ou individual (porque se refere a experiências únicas vivenciadas pelo indivíduo), mas também social porque é coletiva, pois se baseia na **cultura** de um agrupamento social e em **códigos** que são aprendidos nos **processos de socialização** que se dão no âmago da sociedade.”

Nossa investigação tendo como objeto de estudo as culturas e os saberes docentes tem no trabalho da memória docente o “locus” privilegiado de reconstrução de experiências, de vivências, de saberes, de valores, de crenças, de expectativas, de comportamentos vividos pelos professores, possibilitando uma sistematização das singularidades e da cultura como produção de um grupo social.

Para saber sobre a diversidade dos processos sócio-culturais é preciso, segundo Marre (1991) dar a palavra àqueles que os vivenciam, ouvir, para então buscar desvendar como nesta fala se ligam a experiência individualizada e os determinantes sociológicos. O método biográfico permite que se estabeleçam as ligações entre vida individual e vida social. A história de vida cria um documento na medida em que registra um relato sobre fenômenos sociais singularmente vivenciados. Através das histórias de vida o investigador é capaz de descobrir muitas facetas do coletivo.

Queiroz (1987, p.283) aponta para o fato de que “O que existe de individual e único numa pessoa é excedido, em todos os aspectos, por uma

afinidade de influências que nela se cruzam (...) de ações que nela se exercem e que são inteiramente exteriores.”

As histórias de vida de professores em diferentes espaços e níveis de atuação e momentos da carreira, não visam investigar a vida de indivíduos particulares, mas das singularidades que referenciam também uma cultura coletiva: a categoria dos profissionais docentes.

O uso do método biográfico permite ao pesquisador estreitar os laços, às vezes tênues no campo acadêmico, entre teoria e prática. O ato de dar a palavra a quem não tem contado as suas histórias passadas, a partir dos sentidos construídos no presente significa criar condições para que os indivíduos reconstruam sua própria história (MARRE, 1991). É possível que a própria narrativa sobre a trajetória profissional auxilie na tematização da atuação presente do professor. Também é importante a contribuição da história de vida como documento de memória individual representativo da memória de um coletivo até o momento excluído da memória oficial. Fazer um arquivo de memórias das vidas de professores, “sujeitos comuns” é contribuir para a construção da memória desta categoria tão falada e pouco falante.

Tais considerações poderão nos levar a uma aproximação do que realmente seja o discurso que deveria permear as conceituações que fazemos em torno da figura do professor. Poder-se-ia realizar o que Nóvoa (1991) escreve em relação a formação de professores:

“A formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de auto-formação participada. (...) o professor é a pessoa. E, uma parte importante da pessoa é o professor. Urge por isso (re)encontrar espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais, permitindo aos professores apropriarem-se dos seus processos de formação e dar-lhes um sentido, no quadro de suas histórias de vida.”

A pesquisa de si proporcionada pela proposta que estamos apresentando possibilita aos professores envolvidos (os pesquisadores da rede e os colaboradores que darão as suas histórias de vida para a pesquisa integrada) o estudo e a reflexão das culturas e dos saberes docentes nos próprios espaços educacionais onde a pesquisa será realizada. A perspectiva de pesquisa inclui a formação e autoformação ( a dimensão formadora da entrevista) proporcionada pela metodologia da história de vida na modalidade oral e da escrita autobiográfica.

Incluimos ainda como recurso metodológico os **diários** daqueles professores que têm o hábito da escrita, da escrita autobiográfica. Ao

utilizar os diários de professoras temos uma fonte significativa para um certo conhecimento das maneiras de viver, dos códigos, das idéias, dos comportamentos, permitindo uma aproximação dos imaginários dos sujeitos investigados.

A escrita de si é também produtora e formadora do professor que se propõe reconstruir imagens, experiências, vivências. Ao escrever sobre si o sujeito opera com a memória trabalho que seleciona, que reflete, que se emociona, que reelabora. Os diários possibilitam conhecer o modo de vida, os comportamentos, os gostos, os sonhos, enfim permite uma aproximação com as culturas e com os saberes construídos ao longo das trajetórias de vidas.

Kramer (1998, p.23) no seu artigo “Leitura e Escrita de professores: da prática de pesquisa à prática de formação destaca que

“Resgatar a história das pessoas significa vê-las reconstituírem-se enquanto sujeitos e reconstituir também sua cultura, seu tempo, sua história, re-inventando a dialogicidade, a palavra. Tal resgate se apresenta como ponto crucial para a construção de um conceito humanizado de ciência: ouvir o que até então não pôde ser expresso ou escutado, transformando as sobras, dobras, as franjas em objeto de investigação significa levar em conta o que vem sendo tratado como lixo.”

Nossa pesquisa inclui ainda, recorrendo à técnica da história de vida (com entrevistas a partir de roteiros e escritas autobiográficas), a utilização de imagens fotográficas como um recurso significativo para a leitura das culturas.

Sobre o uso das imagens durante o processo de entrevista, Demartini (1997, p.10) aponta para a potencialidade das fotografias como fonte de informações:

“Há, parece-nos, uma ‘dialética’ intensa entre o que ficou retido na memória do entrevistado e o que a imagem lhe permite relembrar. O relato oral e o que parece estar mais claro na memória de cada um dá o quadro geral, mas as imagens das fotos fazem aflorar novos elementos, surgem detalhes, nomes, fatos, há um aguçamento da própria memória.”

A autora aponta para um aprofundamento do relato, tornando a realidade contada mais rica em detalhes, possibilitando ao pesquisador uma aproximação maior com a mesma. Destaca ainda que a utilização das imagens durante o processo de entrevista traz algumas vantagens do tipo: reavivar a memória dos entrevistados, traz a realidade mais próxima e traz o pesquisador para a mesma.

Demartini ( 1997, p. 11) aponta para o detalhamento e explicitação maiores das situações já descritas em entrevista dizendo:

“Parece-nos ainda que análise das fotos junto ao entrevistado permitiu estabelecer com o mesmo uma relação de maior intimidade, conhecer seu universo, pois o pesquisador aproximava-se mais concretamente da realidade relatada, começava a enxergar e vivenciar esta realidade mais diretamente através das imagens que lhe eram mostradas e comentadas.”

A pesquisa integrada “Laboratório de Imagens: significações da docência na formação de professores” inclui o recurso imagético tanto na utilização da História de Vida como metodologia para coleta das representações, dos saberes e de aspectos da cultura docente, como no uso da fotografia como registro e leitura que potencializa a memória na reconstrução dos fatos e das experiências vividas no passado pelos professores.

As imagens estão sendo definidas no contexto da pesquisa a partir de dois domínios: o primeiro, como representações visuais (fotografias, pinturas, imagens cinematográficas, televisivas, entre outras) e, o segundo: como fantasias, imaginações, esquemas, modelos, como representações mentais.

No capítulo intitulado “Imagem com representação visual e mental”, Santaella e Nöth (1998, p.15) afirmam que estes dois domínios não existem separados.

“Não há imagens como representações visuais que não tenham surgido de imagens na mente daqueles que as produziram, do mesmo modo que não há imagens mentais que não tenham alguma origem no mundo concreto dos objetos visuais. Os conceitos unificadores dos dois domínios da imagem são os conceitos de signo e de representação. É na definição desses dois conceitos que reencontramos os dois domínios da imagem, a saber, que é o signo ou representação.”

Na urgência de incorporarmos aos debates dos estudos e pesquisas da História da Educação outras fontes e outras categorias é que estamos investigando o conhecimento, a vida e a experiência de professores, através de estudos comparativos entre tempos e espaços históricos diferenciados. A memória docente se configura como fonte histórica que reconstrói imagens vividas no passado como dispositivos para refletir uma produção de si no presente.

A oralidade é outra fonte utilizada pela rede como um dispositivo de auto-formação e formação com o objetivo de reconstruir imagens vivenciadas no passado e, como afirma Simson (2001, p.1)<sup>1</sup>,

“do ponto de vista da técnica de pesquisa, é construir, com o auxílio de informantes, versões sobre o passado que a memória deles permite elaborar; completando então as informações com dados obtidos através de outros suportes empíricos (escritos ou imagéticos), tem-se condições de analisá-los e interpretá-los, elaborando-se assim uma outra versão, a qual supostamente é mais próxima da realidade.”

Esta é uma fonte de pesquisa que envolve disponibilidade de tempo por parte dos depoentes e de interesse deles em rever suas trajetórias de vida, tornando-os pesquisadores de si. Nossa concepção na pesquisa é de que a História Oral ultrapassa, nesse sentido, a idéia de uma técnica, se constituindo numa teoria de formação e auto-formação no caso específico de trabalho com histórias de vidas de professores.

No artigo intitulado “O Ensino de História no Paraná, na Década de Setenta: Práticas de Professores”, Martins (2001, p.5) aponta para o recente uso da história oral como fonte para o historiador.

“No Brasil ela foi introduzida nos anos setenta, porém, só nos últimos anos ela tem se expandido mais significativamente. Hoje os depoimentos e histórias de vida vêm ocupando espaços cada vez maiores nas pesquisas historiográficas e educacionais.”

Nas pesquisas que vêm trabalhando com a História de Vida como recurso metodológico de reconstrução das trajetórias vividas no passado por professores como produtoras de uma professoralidade no presente, a utilização da história oral tem sido uma forma de redimensionar os estudos, através da utilização das fontes produtoras de significados e de sentidos.

Um dos exemplos de deslocamento histórico de sentidos no imaginário da sociedade diz respeito ao lugar social do professor. Temos constatado através da pesquisa que o professor atualmente não é referência cultural para os seus alunos, já tendo sido no passado.

Investigando a participação dos professores no processo de desvalorização social da docência, Ferreira (2000, p.113), pesquisador integrante da rede que vem trabalhando com o referencial do imaginário para a interpretação da cultura docente aponta para o fato de que

---

<sup>1</sup> A arte de recriar o passado: a metodologia da História Oral e suas possibilidades para contribuir na promoção do envelhecimento bem sucedido. Texto digitado (rascunho) 2001.

“Nos últimos anos, temos observado que o professor tem sido um dos principais difusores da imagem que, em última análise, tornou-se a imagem da pobreza. O que nos chama a atenção é que mesmo docentes que não recebem baixos salários e não convivem com dificuldades econômicas parecem tê-la assumido de um modo tão intenso que, por vezes, chegamos a desconfiar da existência de um número significativo de integrantes da categoria que faz questão de apresentar-se desse modo e manter esse tipo de imagem”.

A pesquisa realizada por Ferreira (1998), intitulada “Entre o Sagrado e o Profano: o lugar social do professor”, apontou para o deslocamento de sentidos da sociedade com relação a posição do professor, quando de uma imagem sacerdotal e vocacionada assume outras referências, que o colocam num outro lugar: o assalariado, o trabalhador, o profano.

Sintetiza Ferreira (2001, p.121):

“Ao romper com a imagem do sagrado, o professor também foi um dos responsáveis pelo deslocamento de sentido que a sua imagem sofreu. A decisão de lutar por melhor remuneração e melhores condições de trabalho foi da própria categoria. Ao assumir a nova postura, ao se mover a partir de novas expectativas, o professorado tocava, pela primeira vez publicamente, em grandes referentes da sua identidade social, como o sacerdócio e o sacrifício. Nesse contexto, como lutar por salário continuar a ser visto do mesmo modo pela sociedade ?”

Este é um dos eixos temáticos da pesquisa – o imaginário docente em diferentes tempos e espaços educacionais – viabilizando estudos comparativos entre regiões e contextos culturais diferenciados do país.

As narrativas dos professores são segundo Oliveira (2001, p.19) “materiais significativos para a história da educação, tendo a memória como ferramenta que reconstrói fatos, acontecimentos, experiências individuais e coletivas vividas pelos professores, em tempos históricos diferenciados.”

Histórias de vida põem em evidência o modo como cada pessoa mobiliza os seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, os seus repertórios. Numa história de vida podem ser identificadas as rupturas e as continuidades, as coincidências no tempo e no espaço, as ‘transferências’ de preocupações e de interesses, os quadros de referência presentes nos vários espaços do cotidiano.

“A gente percebe historicamente o quanto o papel social do professor foi modificando. Antigamente éramos tratados como uma autoridade frente à questão do conhecimento. De uns anos

para cá, ou décadas, a lugar foi ocupado pela informática."  
(Professor M.)

Nesta perspectiva, através do trabalho com a memória, consideramos o professor um agente no processo de pesquisa de sua história, dos saberes das ações pedagógicas, instituindo, assim, um espaço de autoformação, atribuindo à reflexão da experiência um caráter relevante.

Como procedimento metodológico, efetuamos o registro da memória individual, que se configura como fonte de evidências, na perspectiva de dar voz aos sujeitos diretamente envolvidos no processo educacional: os professores. Procedemos, pensando um trabalho de pesquisa diferenciado, conforme aponta Thompson (1992, p. 25):

"a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto conteúdo, como finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; (...) pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras".

Essa produção de si é um processo de formação, ou melhor, de autoformação. A instalação de dispositivos que possibilitam a rememoração, a reconstrução e a reflexão sobre os acontecimentos que produziram "marcas", "registros". O sujeito de posse do seu material existencial, tem a possibilidade de ler a própria situação e aquilo que se passa em torno dele. Esse processo deve possibilitar ao "grupo sujeito" construir seus referenciais.

No artigo "Significações da Profissão Professor" Becker (2000, p.48), afirma que:

"esses sucessivos momentos da coleta das histórias de vida mostram que quanto mais o sujeito se envolve ou é envolvido na escrita da sua história, mais ele dá sentido ao trabalho com o método biográfico, aumentando o seu potencial formativo. Ao mesmo tempo, essas idas e vindas entre professores e pesquisadores propicia maior riqueza e profundidade aos dados coletados, permitindo maior aproximação ao imaginário do professor."

As histórias de vida dos professores narradas oralmente ou, através da escrita autobiográfica, por colocar a memória num lugar privilegiado, possibilita a aproximação das representações e dos saberes dos professores.

Marques (2000, p.86) aponta para o fato de que:

"os saberes já construídos ao longo da trajetória do professor, na memória viva dos professores e da escola, reconstróem a visão compreensiva das experiências vividas com suas capacidades de imprimir unidade, coerência e significância às idéias, aos fatos e acontecimentos em si precários e contingentes. Na dialética da memória reconciliam-se a interpretação hermenêutica das experiências antecedentes e os horizontes de futuro. Na persistência de uma memória seletiva e reconstrutiva, os momentos desiguais e recorrentes se fundem na recomposição da vida, quer dos professores individualmente, quer dos grupos onde se fazem solidários em obra comum, quer da instituição escolar sempre necessitada de reorganizar suas próprias aprendizagens."

As aprendizagens reconstruídas individualmente ou ainda, coletivamente, são objeto da nossa investigação, pois, é do nosso interesse o trabalho com a memória docente, principalmente, com a memória de sujeitos históricos que vêm construindo cotidianamente a história do magistério.

O tempo não é algo estático e determinado de uma vez por todas; as memórias pessoais, as evocações do passado, não existem isolada ou autonomamente - constroem-se em função de quadros de referência do grupo social, de idéias partilhadas. Conforme Vidigal (1996, p.17), "a questão básica envolvente da memória social tem a ver com os quadros mentais comuns partilhados pelos membros de um grupo social;... ." Assim sendo, os professores como grupo social que vêm compartilhando do que poderíamos chamar de "cultura docente", reconstróem suas histórias de vida, a partir das referências do grupo (passadas e presentes).

Alguns relatos exemplificam esta reconstrução das significações a partir do grupo social:

"Na final da década de 50, a escolha pelo curso Normal, se dava, principalmente, por ser uma boa preparação para as mulheres que desejassem estudar, além de serem boas donas de casa. As moças que escolhiam ser professoras vinham de famílias culturalmente abastadas". (Professora F)

"Interessante, nossos cursos de pedagogia estão sendo procurados por meninas de classes populares, sem nenhum lastro cultural e com um processo de escolarização na educação fundamental bastante precária." (Professora I)

Nos dois relatos percebe-se a diferença na representação construída sobre uma professora da década de 50 e, a outra, do início deste novo

século. A inscrição das moças na sociedade, lembradas por duas professoras que atuaram e atuam no magistério em tempos históricos significativamente modificados, é referenciada nos relatos, por se tratar de uma memória social.

Bosi (1993, p.281), aponta para o fato de que a "memória, é sim um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo". A autora afirma ainda que o tempo individual acaba por engolir o individual, fazendo com que a percepção pessoal seja abrangida pela coletiva.

Nas definições e demarcações da História Oral encontramos referências, como por exemplo em Vidigal (1996, p.21), "a um método de trabalho que incide sobre o passado dos inquiridos, sobre aspectos da vida social, particularmente da esfera do cotidiano,...". Pode-se falar de uma "história do vivido", na qual o relato pessoal é filtrado pelo tempo e pelos percursos individuais.

Encontramos nas histórias de vida dos professores, participantes da investigação, relatos permeados de "queixas". Assim, as experiências reconstruídas faziam parte de memórias, marcadas por ressentimentos, culpabilizações e impotências, são atravessadas e dizem de acontecimentos, de potência de vida.

Enquanto o passado invadia os professores a impossibilidade de esquecer produzia ressentimentos. No dizer de Nietzsche (1991), o ressentimento interioriza as forças ativas, fazendo com que o indivíduo não busque culpados fora de si, mas em si mesmo.

É quando as passagens de vida são bloqueadas. Os processos são interrompidos, impedidos. É quando a memória atrapalha e é preciso esquecer para permitir o processo. Aqui a necessidade de pensar o esquecimento como força ativa. Trata-se de um outro tipo de memória, segundo Nietzsche (1991, p.57): "O esquecimento (...) é um poder ativo, uma faculdade moderadora, à qual devemos o fato de tudo quanto nos acontece na vida, tudo quanto absorvemos, (...)."

Não se trata de esquecer no sentido de alienação, mas de ver a memória da vontade. Uma memória que não enclausura o ser numa forma, ao contrário: traz em si o processo de ser. Para Nietzsche (1991, p.57), nenhuma felicidade, nenhuma serenidade, pode existir sem a faculdade do esquecimento:

"Fechar de quando em quando as portas e janelas da consciência, permanecer insensível às ruidosas lutas do mundo subterrâneo dos nossos órgãos; fazer silêncio e tábua rasa na nossa consciência, a fim de que aí haja lugar para pressentir (...): eis aqui, repito, o ofício desta faculdade ativa, desta vigilante guarda

encarregada de manter a ordem psíquica, a tranquilidade, a etiqueta."

Esta é a memória potente para nossas investigações na área da história da educação, na história dos processos e instituições educativas e, na própria história da docência, através dos seus sujeitos, os professores. Uma memória que é potência de vida, que é ferramenta que extrapola a rememoração e afirma-se como vontade.

Talvez, assim, possamos começar a pensar o nosso tempo, não como uma época de impossibilidades, mas como um momento em que não precisamos fugir dos paradoxos, das oposições. Mas entrar em contato com o que está na superfície e é capaz de nos arrancar de amarras tão profundas e pesadas, como a tristeza, como a inércia.

## Bibliografia

- ALBERTI, Verena. **História Oral: a experiência do CPEDOC**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1990.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3ª ed. , São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo, UNESP, 1992.
- CAMARGO, Aspásia. **Os Usos da História de Vida: trabalhando elites políticas**. Dados. In: Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, v. 1.,1984.
- CANETTI, Elias. **A Língua Absolvida: história de uma juventude**. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- CATANI, Denice Barbara et al. **Docência, memória e gênero**. São Paulo, Escrituras, 1997.
- DEMARTINI, Zeila. De Brito F. **Histórias de vida na abordagem de problemas educacionais**. In: SIMSON, Olga Moraes Von (org.). **Experimentos com Histórias de Vida (Itália- Brasil)**. São Paulo, **Vértice / Revista dos Tribunais**, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Resgatando Imagens, colocando novas dúvidas: reflexões sobre o uso de fotos na pesquisa em História da Educação**. In: **Cadernos CERU**, São Paulo, NAP -CERU, série 2, n.8, 1997.
- DOMINICÉ, Pierre. **L'Histoire de Vie comme Processus de Formation**. Paris, Editions L'Harmattan, 1990.

- \_\_\_\_\_. **Mudanças sociais e função docente.** In: NÓVOA, António. (org.) **Profissão Professor.** Porto, Porto Editora, 1991.
- FERRAROTI, Franco. **Historie et histories de vie.** Paris, Librairie des Méridiens, 1983.
- FERREIRA, M. de M, AMADO, J. (orgs.) **Usos e Abusos da História Oral.** Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- FERREIRA, Rodolfo. **Entre o Sagrado e o Profano: o lugar social do professor.** Rio de Janeiro, Quartet, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Magistério, Mídia e Imagem: o jogo das expectativas.** In: OLIVEIRA, Valeska F. de. **Imagens de Professor: significações do trabalho docente.** Ijuí, UNIJUÍ, 2000.
- GOODSON, Ivor. **Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional.** In: NÓVOA, António. (org.) **Vidas de Professores.** Lisboa, Porto, s/d.
- GUIMARÃES, César. **Imagens da Memória: entre o legível e o visível.** Belo Horizonte, UFMG, 1997.
- KRAMER, Sonia. **Leitura e Escrita de Professores: da prática de pesquisa à prática de formação.** Revista Brasileira de Educação, n.7, Jan/Fev./Mar./Abr., 1998.
- MARTINS, Cláudia Regina K. **O ensino de história no Paraná, na década de setenta: práticas de professores.** In: **História da Educação/ ASPHE.** n 9, Pelotas, FaE, UFPel, abril 2001.
- MARRE, Jacques L. **História de Vida e Método Biográfico.** **Cadernos de Sociologia.** Porto Alegre, v. 3, n. 3, Jan./Jul. 1991.
- MEIHY, José Carlos S. B. **Manual de História Oral.** São Paulo, Loyola, 1996.
- NARVAES, Andréa Becker. (org.) **O que significa ser professora ? Trabalhos Acadêmicos- Científicos.** Ijuí, UNIJUÍ, 2000. (Série Relatórios de Pesquisa.)
- NIETZSCHE, F. **A Genealogia da Moral.** Trad. A . A Rocha, Grupo Ediour, 1994.
- NÓVOA, António.(org.) **Os professores e sua formação.** Lisboa, Dom Quixote, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Profissão Professor.** 2ª ed. Porto, Porto Editora, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Vidas de Professores.** 2ª ed. Porto, Porto Editora, s/d.
- OLIVEIRA, Valeska Fortes de (org.). **Imagens de Professor: significações do trabalho docente.** Ijuí, UNIJUÍ, 2000.
- \_\_\_\_\_. **A Formação de Professores revisita os repertórios guardados na memória.** In: OLIVEIRA, Valeska F. de. (org.) **Imagens de Professor: significações do trabalho docente.** Ijuí, UNIJUÍ, 2000.

- \_\_\_\_. **Histórias de Professores e Processos de formação/ subjetivação.** *Revista Educação em Debate.* Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, n. 36, 1998.
- \_\_\_\_. **A Memória na reconstrução das Histórias da Docência.** In: VASCONCELOS, José Gerardo e MAGALHÃES JR, Antonio Germano. **Memórias no Plural.** Fortaleza, LCR, 2001.
- OLIVEIRA, Valeska Fortes de et al. **Histórias de Professores: das falas aos sentidos.** Coleção Cadernos UNIJUÍ, Ijuí, UNIJUÍ, 1997.
- SANTAELLA, Lucia e NÖTH, Winfried. **Imagem.** Cognição, semiótica, mídia. São Paulo, Iluminuras, 1998.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. **A Vez e a Voz dos Professores: contributo para o Estudo da Cultura Organizacional da Escola Primária.** Porto, Porto Editora, 1994.
- SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von (org.) **Os Desafios Contemporâneos da História Oral.** Campinas, UNICAMP, 1997.
- \_\_\_\_. **Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento: o exemplo do centro de memória da UNICAMP.** In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org.). **Arquivos, Fontes e Novas Tecnologias: questões para a história da educação.** Campinas, SP: Autores Associados, Bragança Paulista, SP: Universidade São Francisco, 2000.
- THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado.** História Oral. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.
- VIDIGAL, Luís. **Os Testemunhos Oraís na Escola.: História Oral e Projectos Pedagógicos.** Lisboa, Portugal, 1996.

Valeska Fortes de Oliveira é Professora Titular do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM e Coordenadora do GEPEIS (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social).  
E-mail: valeska@ce.ufsm.br